

## “EU VOLTO PRA MATAR ESTA SAUDADE”: CASA DO NORTE, DE RODRIGO LOBO DAMASCENO

---

EDMON NETO DE OLIVEIRA\*

De Feira de Santana via São Paulo, publicado pela Corsário-Satã em 2020, chega o primeiro livro de Rodrigo Lobo Damasceno, *Casa do Norte*. A Corsário-Satã é uma editora independente de São Paulo conduzida pelos poetas Fabiano Calixto, Natália Agra e Rodrigo Lobo Damasceno. Com Camila Hion, Damasceno é responsável pelas publicações artesanais do selo *treme~terra*, como a coleção de plaquetes com ensaios interventivos dedicados ao futebol, intitulada *Quem é a bola?* Além disso, o poeta está diretamente envolvido com o zine *Despacho*, que “agrestia contra a carestia e a caretice” segundo as suas palavras; e com a série *cordões*, que dialoga com a tradição da literatura de cordel.

*Casa do Norte*, segundo as informações do colofão, é apresentado ao público como um livro regionalista. Em São Paulo e outras capitais do Sudeste, as casas do norte são lojas de produtos nordestinos, o que em observação mais evidente explicaria o título da obra. A capa assinada por Camila Hion traz figuras em branco sobre um fundo preto. Imagens como o cacto, a cobra, o copo americano, a garrafa de dendê, a garrafa de cachaça, a camisa de futebol, o galo, o peixe, o caranguejo, a peixeira e outras referências afetivas. Além disso, a curadoria dos editores aqui citados viabilizou a estética bem-sucedida do livro, o que certamente se deve não só ao projeto gráfico de Gabriel Pedrosa, mas também à política editorial da Corsário-Satã, que é de trazer a público edições de qualidade.

Lê-se no prefácio escrito por Nícollas Ranieri que *Casa do Norte* é um livro publicado em meio a “trincheira identitária” de nosso tempo. É

---

\* Doutor em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: [edmoneto@hotmail.com](mailto:edmoneto@hotmail.com) Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8585-4328>

verdade que o termo “identitarismo” pode soar impreciso e problemático. O que não se pode negar é que, motivado por ele, circula boa parte das produções recentes cujo debate em torno das políticas da vida merece ser cada vez mais qualificado. Nesse sentido, o livro de Rodrigo Lobo Damasceno poderia ser lido como poesia nordestina, poesia baiana, poesia de Feira de Santana, ou poesia de Feira de Santana em São Paulo. A obra traz como eixo central o deslocamento histórico do povo do Norte em direção ao Sudeste do país, de modo que os temas ali explorados vão ao enalço da memória e dos enfrentamentos cotidianos dos indivíduos desterritorializados que vivem na maior metrópole latino-americana.

Enquanto a voz poética em *Casa do Norte* é, fundamentalmente, concentrada, elíptica, concisa, “nortista construtivista”, como enunciado no poema “Olhos de Lobo” (DAMASCENO, 2020, p. 40), no qual a leitura é conduzida pela organização sintática dos versos junto a uma disposição visual sugestiva; muitas vezes essa voz funde-se à poesia popular – “eu vim do campo limpo, seu moço / vim pisando forte” (DAMASCENO, 2020, p. 37) –, embora em alguns momentos ela deixe vir à tona uma dicção dos poemas políticos, aparentemente espontâneos e, no caso de *Casa do Norte*, de tom biográfico. No poema que abre o livro, “Definição de poesia (sem Pound)”, na tentativa de desvencilhar-se de um dos paradigmas da poesia moderna – que tem, no *ABC da Literatura* de Ezra Pound (2001), um dos mais conhecidos registros teóricos –, deixa-se entrever um *paideuma* próprio:

quando esquentá aqui  
na boca ou cu  
da caatinga,  
é meu pai quem diz:  
em feira, tem  
um sol pra cada  
cabeça, um só  
pra cada cabeça – [...]  
(DAMASCENO, 2020, p. 19).

O verso inaugural, lido isoladamente, é ainda um mistério em termos de localização no espaço. O poema vai se entregando, a contagotas, construindo significações progressivas a partir dos cortes sintáticos típicos do *enjambement*, de modo que somente no terceiro verso surge o nome de um bioma a esclarecer, momentaneamente, a leitura. Em seguida, a figura paterna surge, tomando para si a palavra e delimitando o lugar específico de onde se fala. Esse movimento ainda nos leva a uma construção paronomástica desconcertante: o par “um sol pra cada / cabeça” e “um só / pra cada cabeça” amplifica a ideia de calor, satura a ação do sol; assim como também sobrepõe a essa primeira imagem a sugestão, a partir da elipse presente no segundo caso, de que um sol apenas seria pouco, permitindo ao homem da seca ser capaz de suportar um calor ainda mais severo. Além disso, na dimensão sonora, o termo “só” poderia ser a transcrição da palavra “sol” a depender da variante do português, criando uma ambiguidade que se desdobra em outros sentidos e traz outras camadas de leitura para o texto.

No poema seguinte, continuação do anterior, a dicção muda com a repetição da frase “não são bibliotecas”, em cujos versos o tema em torno da poesia será pensado a partir do eixo da negação:

não são bibliotecas: são  
parentes explorados  
nas fábricas, tios  
feridos nas oficinas,  
[...] não são  
bibliotecas,  
heranças,  
tradições,  
diplomas: é qualquer coisa  
contra o caso  
do primo morto pelo tráfico [...]  
(DAMASCENO, 2020, p. 20).

Contrapõe-se a essa frase nuclear, perpassada por um fenômeno exclusivamente grafocêntrico, a vida ordinária em suas mais diversas manifestações: os trabalhadores nas fábricas, a vida interiorana, “a cerveja morna / que esfrie o bigode, o café preto” (DAMASCENO, 2020, p. 20), as mortes pelo tráfico de drogas, a solidão dos idosos em busca de trabalho, a humilhação das empregadas domésticas, imagens que vão de encontro às definições escolares de poesia e são capazes de derrubar “prédios, professores, / prateleiras, catálogos” (DAMASCENO, 2020, p. 20). Ou seja, mesmo que não se crie propriamente um *paideuma*, de algum modo a metalinguagem, aqui, marca uma diferença que afasta o poema de preceitos poundianos.

Nesse movimento, *Casa do Norte*, livro de poeta que demonstra conhecer poesia (Damasceno é doutor em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo), também frequenta a verve de outros, como Ferreira Gullar – o conhecido poema “Não há vagas” (GULLAR, 1991, p. 157) é evocado pelo autor em “Oficina de poesia” –, criando disposição elocutória para que os poemas sejam performados por outros corpos. Em “Zumthor”, título que remete ao suíço, estudioso das poéticas da voz e da performance em literatura, torna-se a levar a poesia a todas as instâncias da vida cotidiana, dando aos gestos mais comezinhos a chance de serem reconhecidos como amplas enunciações poéticas inscritas no corpo: “como o meu pão / e digo o meu poema [...] descasco a laranja / e digo o meu poema” (DAMASCENO, 2020, p. 73). Já em “Camisa de time”, uma autobiografia sem altos voos, há uma poética que se constrói sem a vocação para o panfletário: “sem bandeira / no ombro: / no máximo, visto a camisa do meu time / pequeno” (DAMASCENO, 2020, p. 54).

Se a primeira seção, “Original Campo Limpo”, leva o nome de um bairro de Feira de Santana, a segunda, “Lavra diamantina”, é uma sequência de poemas que miram a região do parque nacional como espécie de cosmos de uma Pasárgada possível. É uma seção menor na sua extensão, mas não menos importante, na qual surgem os animais da

Chapada Diamantina, do Cerrado e da Caatinga: a onça, o gavião, a cascavel: “COBRA // eis um bicho / que não pisa / nos outros”

(DAMASCENO, 2020, p. 79, grifo do autor). Aqui, dois poemas em particular chamam a atenção: o primeiro deles é “Imitação de Gary Snyder”, que cita o poeta estadunidense de torção *beat* e cujo desenvolvimento irá lembrar, no espaço da Chapada Diamantina, toda a ecologia que impregna a poética de Snyder – “se sentir vivo / de manhã no meio de maio / cruzando trilhas riachos” (DAMASCENO, 2020, p. 86). O segundo é “Paibirú”, que remete ao caminho construído pelos indígenas há mais de dois mil anos, ligando o sertão da Paraíba a Machu Picchu, no Peru. O poema também lembra o disco homônimo de Lula Côrtes e Zé Ramalho, obra fundamental da psicodelia brasileira. Em Damasceno (2020), constrói-se a imagem perturbadora e resistente de três sertanejas a descansarem as costas em três cactos.

Já a terceira seção é homônima ao livro e inicia-se com “Dois poemas do capitalismo tardio”, em que o processo enumerativo constrói a imagem de uma São Paulo caótica, movida pelo lucro das grandes corporações, algo que talvez possa lembrar, guardadas as devidas diferenças, o empreendimento de um Roberto Piva. Poemas nos quais surgem Ovídio e Dante, dois chapeiros nordestinos que “sobem no ônibus / sob os olhares dos racistas” (DAMASCENO, 2020, p. 93), compoem a metrópole onde existe mais dinheiro em uma avenida do que em todas as árvores da cidade. Os poemas se complexificam na medida em que os espaços das casas do Norte passam a ser capazes de mobilizar memórias de toda ordem. Em “Visão”, “waly, calado, suado, / numa casa do norte, / sentindo saudades,” (DAMASCENO, 2020, p. 96) – para lembrar o autor Waly Salomão de *Me segura qu’eu vou dar um troço* (2014) –, encerra-se com uma vírgula, deixando em suspenso a imagem do poeta e suas reminiscências apenas imaginadas pelo leitor, pois não são ditas. Em “Ars catíngueira”, há um apelo para que a palavra “sertão”, “a cujo enxurro (quase / impossível) / desvio” (DAMASCENO, 2020, p. 97), seja banida de todos os lugares comuns a fim de que os universos ligados ao sertão não sejam acionados, ou “para não depositar / aluvião ( / raro) / aqui / nesta vereda” (DAMASCENO, 2020, p. 97).

É, também, nessa última seção, que voltam com bastante força as referências a Snyder, Bolaño, Bandeira e Belchior. E com ainda mais evidência, ao poeta Torquato Neto, já presente em uma das epígrafes da primeira seção, com um recorte da canção “A rua”. Conforme dá-se cabo a leitura, surgem ressonâncias mais ou menos explícitas do “menino infeliz”, conforme canta Caetano Veloso em “Cajuína” (1979). A presença do recorte da canção “Mamãe coragem”<sup>1</sup> na epígrafe da terceira seção é um dos exemplos que ajudam a construir, em *Casa do Norte*, as complexidades relacionadas à desterritorialização: “mamãe mamãe não chore / eu nunca mais vou voltar por aí” (DAMASCENO, 2020, p. 91, grifo do autor). Outro caso é o potente “Bar Torquato Neto”, poema que nos transporta a Teresina, onde o poeta vampiro caminha à beira do Parnaíba e, em seguida, “seu grito faz eco no espaço aberto do viaduto do chá” (DAMASCENO, 2020, p. 114). Na cidade que o recebe com indiferença – “em são Paulo / ninguém te dá / boas vindas” (DAMASCENO, 2020, p. 114) – o enunciador cria uma resistência para o personagem Torquato que supera “o comércio das almas” e as intempéries da metrópole, levantando, talvez, o único panfleto de todo o livro: “mas a revolução / se chama nordeste” (DAMASCENO, 2020, p. 114). No enlace entre as duas regiões, o poema termina com o paradoxo: “dentro de nós / há de ser / o lado / de fora” (DAMASCENO, 2020, p. 115).

No poema “2 modos”, ainda, o poeta cria um intertexto com a canção “A rua”, parceria com Gilberto Gil gravada no ano de 1966, de harmonia que mescla uma série de elementos regionais e populares, incluindo estrofes com versos ralentados e momentos em que o baião marca a tônica das redondilhas de Torquato. Na enunciação de Damasceno, os seguintes versos:

1.  
o menino crescido  
que traz

---

<sup>1</sup> COSTA, Gal. *Mamãe coragem*. 1968. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P-rYY1NZEO4> Acesso em: 17 ago. 2021.

o peito  
ferido (cruzado  
feito feiticeiro  
de nascença)  
insiste  
– ainda que  
invertido –:  
quando encontra  
o mais  
velho, é este  
quem pede  
a bença –  
insiste:  
a rua ainda há  
o menino ainda existe  
(DAMASCENO, 2020, p. 108).

Nessa primeira parte, há uma centelha de esperança e lirismo. É o adulto que pede a benção do menino. A inversão dessa prática respeitosa entre a criança e o mais velho cria um efeito inusitado, deixando entrever alguma extensão do sujeito de ontem no de hoje, marcada pela imagem da rua que, em Damasceno, insiste: “a rua ainda há / o menino ainda existe”. Contudo, na segunda parte:

2.  
sem olhos de ver o passado  
pés e mãos ocupados  
com a terra  
do futuro  
que já tira de cima do corpo  
  
– a rua ainda existe –  
  
naquela esquina  
mais um  
menino  
morto (DAMASCENO, 2020, p. 108).

Aqui, a rua continua existindo, mas os olhos já não podem mais voltar-se para o passado quando precisam tanto ocupar-se com a terra do futuro. E enquanto essa não for mais ocupada pelos corpos de crianças mortas nas esquinas (e podemos então inserir) de todas as ruas das cidades brasileiras, não há motivos para o lirismo fácil. E é assim, portanto, que se dá a frequência do “escorpião enterrado / na sua própria ferida”, para lembrar outra canção de Torquato Neto, “Todo dia é dia D”, na poesia de Damasceno, o lobo do Norte, nessa casa tão bem arquitetada.

Pode ser, então, que o regionalismo evocado no início do texto e assumido pela edição vá além das primeiras observações sobre o livro e seja muito menos uma forma de adequar-se a alguma categoria, ou a algum gênero; ou uma forma de repetir regionalismos da tradição, do que a afirmação dada a envergaduras que se propõem a pensar, por meio da palavra poética e com o apelo ao vasto repositório cultural a que se tem acesso, o fenômeno das migrações e seus efeitos na sociedade brasileira do século XXI. *Casa do Norte*, por isso, compõe uma das muitas constelações da poesia contemporânea brasileira, dos temas e questões que já vêm se estabelecendo como tendências da nossa poesia mais recente. A publicação desse livro ratifica a inclusão de Damasceno na seção “À espera de uma segunda dentição”, da coletânea *Uma alegria estilhaçada: poesia brasileira 2008-2018*, organizada por Gustavo Silveira Ribeiro e disponibilizada gratuitamente no site das Edições Macondo. A seção é o espaço destinado a cinco poetas estreados que geram certa expectativa na cena viva da poesia contemporânea, e *Casa do Norte* certamente responde à altura dos numerosos – mas nem um pouco fáceis de serem abarcados – títulos publicados no ano em que o mundo recua – sem a teta do organismo terra em nossa boca, para usar uma expressão de Krenak (2020) – diante da COVID-19.

## REFERÊNCIAS

- DAMASCENO, Rodrigo Lobo. *Casa do Norte*. São Paulo: Corsário-Satã, 2020.
- GULLAR, Ferreira. Não há vagas. In: GULLAR, Ferreira. *Toda poesia (1950-1987)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Tradução Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix: 2001.
- RIBEIRO, Gustavo Silveira. *Uma alegria estilhaçada: poesia brasileira 2008-2018*. Juiz de Fora: Escamandro e Macondo, 2020.
- SALOMÃO, Waly. *Poesia total*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- VELOSO, Caetano. *Cinema Transcendental*. Rio de Janeiro: Polygram, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KAnVBrFgWkQ&list=PLrt7VbxNS8rcKXgtDulXxwEgV19fwm34P>. Acesso em: 28 jul. 2021.

---

Submetido em 05 de junho de 2021

Aceito em 27 de julho de 2021

Publicado em 19 de setembro de 2021

---